

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

CLARICE RAMBOR MAIA

**A contribuição pedagógica do rádio através dos
tempos.**

**Porto Alegre
2010**

CLARICE RAMBOR MAIA

**A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA DO
RÁDIO ATRAVÉS DOS TEMPOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Profa. Rosa Maria Vicari

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação: Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

À minha filha Yasmin, que mesmo tão pequena, precisou entender minha ausência em momentos importantes.

Ao meu marido Leandro, pela sua inesgotável energia e paciência, mantendo sempre a alegria, a serenidade e o carinho, principalmente nesse período.

À minha mãe, Maria Erotildes, que sempre deu o incentivo e apoio para que eu pudesse ir em frente.

Ao professor Fernando Favaretto, que guiou e orientou esse trabalho, sabendo o momento certo de instigar, estimular, ouvir, falar e entender.

RESUMO

As mídias, novas tecnologias de informação e entretenimento estão por toda parte. A escola, como espaço de desenvolvimento de aprendizagens, está inserida nesse contexto. O rádio, veículo de comunicação desde 1923 também está presente, com suas inovações e possibilidades. Os alunos, diante dessas novas tecnologias, interagem com as mídias com naturalidade. Nós, como mediadoras dos processos de ensino e aprendizagem, a partir da leitura da realidade de onde trabalhamos, devemos propor a problematização de questões importantes do lugar, utilizando-se do rádio para esse fim. Para isso, consideramos os recursos disponíveis na escola, buscando, principalmente integrar às mídias nesse trabalho, com a finalidade de envolver o maior número de pessoas (alunos, professores, comunidade), para construção de aprendizagens significativas. Nessa busca, utilizar/articular movimentos que venham a culminar em busca de ações para melhorar as condições de acesso a infra-estrutura, comunicação, entre outras. Os recursos utilizados, como a implantação de rádios comunitárias e rádios na web, dentro do contexto em que os projetos forem desenvolvidos, alavancarão grandes benefícios à aprendizagem de todos. Dessa forma, percebemos que a utilização dos recursos tecnológicos na escola, devem ser usados como um diferencial para a construção de novos conhecimentos.

Palavras-chave: realidade, tecnologias, construção de conhecimento e rádio.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
1 AS MÍDIAS INVADEM NOSSO COTIDIANO: O RÁDIO CONTINUA MUITO PRESENTE	10
2 A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASILEIRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.9	
3 A RELAÇÃO DO RÁDIO COM A EDUCAÇÃO	31
4 O USO DO RÁDIO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	42
4.1 Rádio e educação nos dias de hoje: ações e desafios	44
4.2 Rádios comunitárias: formas de se fazer uma comunicação mais pública e democrática	49
4.3 Radioweb: novos caminhos e espaços para se fazer rádio.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudar as mídias na educação é tarefa fundamental para o exercício da docência nos dias atuais. Diante desse fato, eu e mais alguns colegas da escola buscamos um curso de aperfeiçoamento nessa área, pois já tínhamos o Laboratório de Informática na escola, mas faltavam conhecimentos específicos para a realização das atividades na escola. Então, conseguimos a inscrição no módulo básico do curso de Mídias na Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse curso possibilitou a todos um melhor entendimento sobre as Tecnologias na Educação; sua evolução através dos anos e idéias de utilização durante nossas atividades diárias na escola.

Após a finalização do módulo básico, foi aberta a possibilidade de inscrição no módulo intermediário ou avançado, buscando assim uma especialização nesse assunto. Mostramo-nos muito interessados, já que o tema é atual, instigante e essencial para o trabalho com as nossas crianças nos dias atuais. Então, realizamos a inscrição e aguardamos ansiosamente seu início. Sempre, em todos os momentos de nossas atividades cotidianas na escola, destacamos a importância do trabalho com as mídias na educação.

Atualmente, várias escolas públicas e privadas têm disponível o acesso às diversas mídias para serem inseridas no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, diante deste novo cenário educacional, surge uma nova demanda para o professor: saber como usar pedagogicamente as mídias. Com isso, o professor que, confortavelmente, desenvolvia sua ação pedagógica tal como havia sido preparado durante a sua vida acadêmica e em sua experiência em sala de aula, se vê frente a uma situação que implica novas

aprendizagens e mudanças na prática pedagógica. (PRADO, 2003, p. 8)

Diante desse fato, o estudo, a qualificação, torna-se inevitável para a preparação do educador que realmente busca a aprendizagem de seus alunos e luta por uma educação de qualidade. Nesse sentido, desde o início do curso, nos foram propostas atividades com trabalhos envolventes e importantes para o exercício da docência. Em meio a tantos temas propostos e estudados, o que mais chamou minha atenção foi o trabalho que pode ser feito utilizando-se o rádio na escola. Assim, comecei a pesquisar ainda mais sobre o assunto e me envolver com ele.

Antes, ao pensar em rádio na educação, só o que me vinha à cabeça eram atividades como: escutar música, ouvir uma emissora e debater sobre essas transmissões. Porém, depois de iniciar os estudos no Curso de Mídias, fiquei encantada com as várias possibilidades de trabalho que podem ser realizados com o rádio na escola. Desde a oportunidade de debater os assuntos trazidos pelas emissoras, pensar sobre a letra das músicas veiculadas e de maior sucesso, até a possibilidade de implantar uma rádio na escola.

A partir daí pensei em iniciar esse estudo, buscando, além do trabalho em sala de aula, também a pesquisa sobre o desenvolvimento/crescimento do rádio no Brasil. Penso que para estudarmos o processo de construção das rádios escolares, e do trabalho que vem sendo feita no decorrer dos anos, é necessário o entendimento de toda a evolução do rádio, desde as primeiras manifestações até os dias atuais, destacando sempre as atividades educativas realizadas neste contexto.

Por essa razão, resolvi organizar o trabalho de maneira a contextualizar as mídias em geral, no processo educativo, desde a mídia impressa até o rádio na web (ferramenta mais atual dentro deste tema que será abordado).

O capítulo 1 “As mídias invadem nosso cotidiano: o rádio continua muito presente”, faz uma retomada dos avanços tecnológicos nos últimos anos

e destaca a importância das mídias na educação, considerando cada uma delas, nas suas especificidades e nas suas contribuições ao meio educativo. Contextualiza o computador e a internet, a mídia impressa, a televisão e o vídeo e por fim, o rádio, meio de comunicação de estudo deste trabalho.

O capítulo 2 “A história do rádio no Brasil”, trata da história desse importante veículo de comunicação no país, que se inicia em 1887 e vem até os dias atuais. Traz uma linha do tempo que ajuda a apontar as principais contribuições do rádio no país, tanto educativas quanto culturais. Também considera as mudanças nos objetivos da implantação do rádio, que primeiramente eram educativos e acabam sendo mais comerciais, uma vez que o rádio acabou se tornando um veículo de comunicação mais voltado para o entretenimento e para a publicidade.

No capítulo 3 “A relação do rádio com a educação” traz considerações acerca da relação desta tecnologia com o meio educativo, como tudo começou, quais foram os primeiros objetivos e a importância deste meio de comunicação no trabalho docente. Também destaca a relevância do trabalho com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ambiente escolar.

O capítulo 4 “O uso do rádio na educação contemporânea” destaca contribuições do rádio nos dias atuais, trazendo exemplos concretos de trabalhos com rádio no meio educativo. Neste mesmo capítulo contextualizo as rádios comunitárias e as rádios web, propostas recentes de trabalho com rádio, onde o objetivo é realmente educativo.

Para finalizar o estudo, deixo minhas considerações finais, destacando a importância deste veículo de comunicação, tanto no meio educativo quanto no meio cultural e suas contribuições através dos tempos.

1 AS MÍDIAS INVADEM NOSSO COTIDIANO: O RÁDIO CONTINUA MUITO PRESENTE

Estamos na Era Digital. A escola está desafiada a fazer uso das mídias e das tecnologias como sua aliada no desenvolvimento das aprendizagens. De acordo, com Moran “Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento” (2000, p. 12).

As novas tecnologias vêm provocando diversas mudanças no mundo e se fazendo presente por toda a parte, influenciando cada vez mais nossa vida e nossa maneira de pensar e de agir, e isso não é diferente dentro de nossas escolas. Os alunos, diariamente estão “ligados” no celular, MPs, Web, enfim, interagindo com as mídias com naturalidade.

Vivemos hoje em uma sociedade marcada pelo desenvolvimento da informação e da comunicação, viabilizada por altas tecnologias (Moran, 2000). Nessa revolução, encontramos novos desafios, exigindo novas funções, que nos obrigam a ter uma transformação ampla, que vai além do processo de ensino e aprendizagem, preparando os cidadãos de forma plena para viver no novo milênio, comunicando-se com o mundo e assumindo o comando de suas vidas.

Cabe também colocar que, devido ao grande crescimento e evolução das novas tecnologias, o estreitamento entre elas a maioria da sociedade vem

acontecendo, pois as pessoas acabam necessitando utilizá-las e para tanto, precisam estar qualificadas.

Nesse contexto, deparamo-nos com as tecnologias: elas estão presentes em nosso cotidiano, nos ajudando a “dar conta” da correria diária que o mundo de hoje nos coloca. Porém, algumas dessas tics que nos cercam diariamente acabam ficando despercebidas, já que estamos tão acostumados a elas. Temos o rádio, a TV, o computador, as mídias impressas (revistas, livros, jornais), que fazem parte de todo esse contexto em que vivemos.

Podemos destacar que “cada tecnologia modifica algumas dimensões da nossa inter-relação com o mundo, da percepção da realidade, da interação com o tempo e o espaço” (Moran, 1995, p.2)

Dessa forma, vamos considerar cada uma delas, nas suas especificidades e destacar sua importância no mundo atual.

Primeiramente, vamos reforçar as possibilidades trazidas pelo computador e a internet, que diante da nova realidade de crescimento do mundo digital, reforçam novas formas de interação, e entre elas, a leitura hipertextual, que oportuniza ao leitor a possibilidade de reconfigurar seus conhecimentos sobre o texto, tendo suportes para ler à medida que aprende um novo gesto de leitura.

Na perspectiva do hipertexto, o professor constrói uma rede (não uma rota) e define um conjunto de territórios a explorar. O hipertexto não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto intrincado (labirinto) de territórios abertos à navegação e dispostos a interferências, a modificações. (SILVA, 2005, p.64)

Também a leitura está intimamente relacionada ao suporte do texto, tanto que chega a se confundir com ele, no caso de alguns gêneros textuais emergentes, como o e-mail e o blog¹, e a simular o processo de leitura e pensamento, no caso dos hipertextos digitais.

Diariamente, recorremos a uma tecnologia para resolver um problema que temos antes dela, e na maioria das vezes, esquecemos que uma nova

tecnologia pode mudar a forma de se criar e fazer, e nesse sentido, o problema original resolvido torna-se um ponto pequeno diante das novas possibilidades que se abrem.

Apesar de tanta evolução, não podemos esquecer-nos da mídia impressa, deixá-la de lado, pois faz parte da história da comunicação e do desenvolvimento do país.

Pensar em mídia impressa é relatar o que está sendo feito nas nossas escolas atualmente. Muitos de nós, educadores, utilizamos em nossas aulas os livros, jornais, revistas, entre outros recursos, sem nos darmos conta que esses também são tipos de mídias que podem e devem ser melhor explorados no espaço da sala de aula. Para Furlan (2002):

o uso de revista ou de jornal pode ser objeto de trabalho dos alunos como leitura de aprofundamento, de atualização, ou mesmo como fonte de problematização de um tema de pesquisa. Muitas vezes o uso dessa fonte se faz sem que o professor estabeleça objetivos, considerando o planejamento de uma seqüência de atividades incoerentes com os objetivos de aprendizagem. (FURLAN, 2002, p. 25)

Muitas atividades podem ser pensadas utilizando jornais, revistas... Uma delas é a criação de um jornal da escola, ou da turma, onde podemos explorar as diversas áreas do conhecimento e envolver os alunos dentro de um projeto rico e estimulante. Ou até mesmo uma análise crítica e positiva, sobre os livros didáticos que estão sendo utilizados em sala de aula. De que maneira poderiam ser mais bem aproveitados? Que informações eles têm trazido? Como que eles dialogam com as realidades de cada escola e de cada estudante? Como que possibilitam a reflexão sobre os conteúdos que pretendem trabalhar?

O livro didático é um material de apoio, de complemento, um recurso a mais que o professor tem a seu alcance e cabe ao professor a melhor maneira de utilizá-lo e adequá-lo ao seu trabalho. Visto que, poucos são os professores que conseguem fazer o bom uso desse recurso. Sabemos por experiência, devido a relatos já ouvidos, que o livro didático, levando em consideração à sua

própria definição, torna-se objeto de muitos debates. Segundo Romanatto (1997):

O livro didático no Brasil, com honrosas exceções, sempre foi considerado de qualidade duvidosa e não que cumpre seu papel de apoio ao processo educacional. Muitos são autoritários e fechados, com propostas de exercícios que pedem respostas padronizadas, apresentam conceitos como verdades indiscutíveis e não permitem a alunos e professores, um debate crítico e criativo que é uma das finalidades do processo educacional. (ROMANATTO, 1997, p.1)

A importância do uso desse recurso, não se restringe apenas ao seu aspecto pedagógico ou à sua influência na aprendizagem dos alunos e seu desempenho na vida escolar, ele também é importante por seu aspecto sócio-político, histórico e cultural, na medida em que reproduz e representa os valores da sociedade e suas ideologias, a luz da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão e de construção de conhecimento.

A grande problemática que envolve a questão do livro didático é que, na maioria das vezes, ele não está de acordo com a realidade do aluno, a sua cultura, o seu espaço. Ele nega a realidade vivida pelo educando, passando para ele uma ideologia que não condiz com seu meio. Neste sentido cabe ao professor a análise prévia do conteúdo a ser desenvolvido com esse recurso, para a análise de sua adequação e a melhor forma de aproveitá-lo em sala de aula.

Remetendo aos dias atuais e na evolução dos recursos, os livros e toda a mídia impressa são e ainda continuarão sendo importantes, mesmo tendo que se renovar e adaptar-se. Esta renovação torna-se necessária, a fim de enfrentar os desafios impostos pelas novas tecnologias da informação, na busca de um novo equilíbrio no sistema cultural da atualidade.

A mudança cultural que estamos vivendo é a da passagem de uma cultura que sai do escrito para o audiovisual, do papel para as telas do computador, da quietude do texto impresso para a interatividade da informática.

Conforme Levacov (1997),

Novas tecnologias de informação estão criando "bibliotecas sem paredes para livros sem páginas". Mais conhecido como "Bibliotecas Virtuais". Esta transição cria a necessidade de repensar os modelos éticos, legais, estéticos, culturais, etc estabelecidos pelo suporte impresso. Ocorrendo paralelamente off e on-line, a "revolução da informação", outro nome usado para descrever esses eventos, requer uma ampla gama de hardware e aplicativos de software, a fim de tornar-se operativa. Coleção versus acesso, usuário local versus remoto, indexação hierárquica ou hipertextual, imprimir e distribuir ou distribuir e imprimir, navegar no oceano da informação ou afogar-se? (LEVACOV, 1997, p. 1)

Dessa forma, a mídia impressa precisa movimentar-se e atualizar-se, de forma a continuar presente em nossas atividades diárias. Isso ainda acontece na atualidade, pois ainda muitas pessoas não conseguiram se desvencilhar do papel, tendo o impresso, grande circulação e importância na divulgação de notícias e acontecimentos. Porém, cabe destacar que, com os avanços e essas novas propostas, os livros se farão presentes, agora, no mundo digital.

Outros recursos muito importantes dentro do contexto das tecnologias de informação e entretenimento são a televisão e o vídeo. Na maioria das escolas esses são os recursos mais presentes, estando à disposição com maior facilidade. Atividades utilizando a TV e o vídeo são bem aceitas pelos alunos, mesmo quando sabem que há um objetivo ao ser oferecida tal atividade. Porém tal aceitação é bem explicada, quando pensamos na grande influência colocada pela televisão na vida diária de nossos educandos, pois

A televisão, o cinema e o vídeo – os meios de comunicação audiovisuais – desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros. (MORAN, 2005, p. 97)

A televisão, devido ao grande poder de veiculação nos ambientes familiares, realiza as principais mediações dos cidadãos, e acaba se transformando em um dos grandes espaços de identificação de todos os

sujeitos. Seus programas são organizados a fim de tornar-se referência para os telespectadores, que acabam se deslumbrando com o ambiente veiculado e tornando-se parte dos programas, identificando-se neles. Algumas pessoas chegam ao extremo de trocar de lado, assumindo em suas vidas valores, hábitos e comportamentos copiados dos personagens da televisão. Além disso,

a televisão, por sua vez, aproxima-se cada vez mais da realidade cotidiana. O sucesso de novos programas ("reality shows") como "Casa dos Artistas" e "Big Brother Brasil" mostra o quanto a vivência cotidiana das pessoas alimenta o "show" oferecido pela mídia. A ficção confunde-se com a realidade produzida no espaço artificial dos cenários televisivos. Artistas e pessoas comuns vivem um cotidiano totalmente documentado e exibido que desperta a curiosidade geral do grande público. A exibição da "performance" das pessoas em cenas de intimidade cotidiana explícita (dormir, comer, tomar banho, namorar) diante da tela confunde os pensamentos, os sentimentos, os julgamentos e as ações dos telespectadores. (KENSKI, 2005, p. 94)

Dessa forma, a TV torna-se o meio mediador das pessoas, que, diante das crises em que passam, procuram nos Meios de Comunicação, principalmente na televisão, as saídas pessoais para alguns dos seus problemas. Também existem aqueles que procuram a televisão para informar-se, para divertir-se e voltar ao cotidiano para intercambiar as percepções, os sentimentos, as idéias mediadas por essa mídia.

Diante de todas essas constatações, o desafio da escola é cada vez mais difícil, pois é necessário trabalhar todas estas questões com os alunos, abrindo espaços para críticas e considerações relacionadas às informações e às manifestações veiculadas pela TV. A nós, educadores é dada a importante tarefa de refletir com nossos alunos sobre os programas apresentados, suas posições e problemas, reconhecendo sua interferência no modo de ser e de agir das pessoas e na própria maneira de se colocar/interagir diante do seu grupo social, enquanto cidadãos.

Seguindo essa mesma perspectiva de trabalho, nos deparamos com o vídeo no ambiente escolar, este

está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas ao mesmo tempo, saber que necessitamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula. (Moran, 1995, p. 3).

O vídeo trabalha de forma concreta, parte do visível, próximo e movimenta com o corpo, estando ao nosso alcance através dos recortes visuais, envolvendo de forma atuante os sujeitos, na construção de significados às atividades propostas. O vídeo explora também o ver, o sentir, a análise das situações, as pessoas, os ambientes e as relações, desenvolvendo um ver diferenciado e com muitas possibilidades de trabalho.

Para fechar com “chave de ouro”, não podemos deixar de destacar a importância do rádio, presente em nosso cotidiano desde o início do século XX, e que continua com seu lugar reservado na casa de cada um de nós, mesmo diante das possibilidades trazidas pelas novas tecnologias.

Muita novidade, muitas facilidades - o celular, o computador, novos equipamentos, muitos aperfeiçoamentos – e em meio a tudo isso temos o rádio, que cresceu, se aperfeiçoou e mudou a vida de muitos brasileiros, trazendo informação, cultura e entretenimento à maioria das famílias. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), feita pelo IBGE em 2000, em 90,3% das moradias brasileiras há pelo menos um rádio.

O rádio entre os meios de comunicação de massa, pode ser considerado o mais popular e o de maior alcance no Brasil. O rádio é um meio de comunicação popular, barato, presente em todas as comunidades [...]Esse destaque é dado ao rádio pela grande capacidade que o homem tem de ouvir a mensagem sonora e a falada simultaneamente e não ter que interromper suas atividades para se dedicar exclusivamente à audição. Podemos destacar alguns outros aspectos como a mobilidade, o imediatismo e o grande alcance a todos os lares. (SILVA, 2007, p. 10)

Dessa forma, esse recurso auditivo, tem seu lugar reservado entre as tecnologias e mídias digitais, já que mesmo com tantos avanços, não perdeu

sua capacidade de envolver e entrar na casa dos brasileiros. Em meio a tanta correria, torna-se importante escutar rádio, pois é um recurso que não aprisiona o telespectador, que pode continuar seus afazeres, ouvindo rádio e inteirando-se das notícias, bem como entretenimento com as músicas veiculadas.

Assim como a palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unidade conceitual à medida que são combinados entre si, a fim de compor uma obra essencialmente sonora com o “poder” de sugerir imagens auditivas ao imaginário do ouvinte (...). Toda potencialidade de representação de uma idéia e/ou de um objeto residia(e) no caráter expressivo do som: o ritmo, a intensidade, o timbre e o intervalo/as pausas, que se materializam em uma fala marcadamente musical. Naturalmente estes valores básicos do som têm o poder de afetar o ouvinte de muitas maneiras, suscitando-lhe diferentes respostas emocionais. (SILVA, 1999, p.71)

Essas emoções são, na maioria das vezes, manifestadas involuntariamente, pois, grande parte dos momentos em que ouvimos rádio estamos “dando conta” de outras atividades de nosso cotidiano. Todas essas manifestações somente são possíveis através desse recurso, que permite ao ouvinte interagir com o que escuta, integrando-se ao ritmo e às combinações transmitidas pelas ondas sonoras.

Assim, podemos constatar a importância do trabalho com rádio no meio educativo, de maneira lúdica, envolvente e instigante, através dos ritmos, da agilidade, individualidade, instantaneidade, sensorialidade e da criação das mais diversas possibilidades de construção de novas aprendizagens. Tudo isso, com as várias possibilidades dadas pelo trabalho com o rádio.

Porém, precisamos ter bem claro que

Os recursos tecnológicos nada significam em si, nada fazem por si sós. Eles precisam estar a serviço de um projeto pedagógico claro. Seu uso precisa ser planejado de forma sistêmica e estar aliado a outros recursos. Seu papel é limitado e, afora atividades de curta duração e/ou pequena abrangência conceitual, deve estar aliado ao uso de outros meios. (TORNAGHI, 2005, p. 167)

As TICs na educação estão aí para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. Certamente o sucesso do processo não está em um ou outro elemento. É necessário que haja um encaixe de engrenagens, que os elementos trabalhem em convergência. As adversidades, nesse caso se transformarão em desafios a serem vencidos.

Em Educação não há um tutorial para seguir diariamente, mas temos muitas ferramentas que nos abrem várias possibilidades de construção de aprendizagens. Diante dessa necessidade de diversificação das possibilidades e maneiras de agir e aprender, as tecnologias de informação e comunicação - rádio, televisão, vídeo, computadores e todas as suas combinações - oferecem oportunidades para a atuação dos indivíduos e a variação e contribuição feita nos ambientes de aprendizagem. Tais ambientes necessitam de novas propostas, dinâmicas, atuações e interações, bem como novas maneiras de organizações de tempos e espaços, proporcionando aos indivíduos novas formas de utilizar as mídias para expressarem e desenvolverem sua cidadania, através de vozes particulares e coletivas.

2 A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

A história do rádio no Brasil é muito rica e instigante, pois destaca acontecimentos importantes que envolveram a política e a história de todo nosso país.

Tudo iniciou em 1863 quando, em Cambridge - Inglaterra, James Clerk Maxwell demonstrou teoricamente a provável existência das ondas eletromagnéticas. James era professor de física experimental e a partir desta revelação outros pesquisadores se interessaram pelo assunto. O alemão Henrich Rudolph Hertz (1857-1894) foi um deles.

O princípio da propagação radiofônica veio mesmo em 1887, através de *Hertz*. Ele fez saltar faíscas através do ar que separavam duas bolas de cobre. Por causa disso os antigos "quilociclos" passaram a ser chamados de "ondas hertzianas" ou "quilohertz".

Com o passar dos anos, também no Brasil os estudos cresciam. Um Padre-cientista gaúcho, com o nome de Roberto Landell de Moura, nascido em 21 de janeiro de 1861, estudou a construção de diversos aparelhos importantes para a história do rádio e que foram expostos ao público de São Paulo em 1893. São eles: Teleauxiofono (telefonía com fio), Caleofono (telefonía com fio, Anematófono (telefonía sem fio), Teletiton (telegrafia fonética, sem fio, com o qual duas pessoas podem comunicar-se sem serem ouvidas por outras), Edífono (destinado a ducificar e depurar as vibrações parasitas da voz fonografada, reproduzindo-a ao natural)

Em 1890 o padre-cientista Landell de Moura previa em suas teses a "telegrafia sem fio", a "radiotelegrafia", a "radiodifusão", os "satélites de comunicações" e os "raios laser". Dez anos mais tarde, em 1900, o mesmo Padre obteve do governo brasileiro a carta patente nº 3279, que lhe reconhece os méritos de pioneirismo científico, universal, na área das telecomunicações. No ano seguinte ele embarcou para os Estados Unidos e em 1904, o "The Patent Office at Washington" lhe concedeu três cartas patentes: para o telégrafo sem fio, para o telefone sem fio e para o transmissor de ondas sonoras. Padre Landell de Moura foi precursor nas transmissões de vozes e ruídos.

A partir de 1919 começa a chamada "Era do rádio". A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, em plena comemoração do centenário da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1922. O discurso aconteceu numa exposição, na Praia Vermelha - Rio de Janeiro e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co.

Richard Aspinall (1972, p. 56) comenta sobre as primeiras experiências no rádio: "o início foi de total improvisação, uma vez que ninguém possuía experiência suficiente; daí as formas arbitrárias impostas às emissões, as quais tentadas por uns, imitadas por outros, acabaram por se impor...". Nos primeiros anos da década de 30 o rádio brasileiro funcionava num total improvisado, as primeiras emissoras nasceram como clubes e associações, depois as designações de Rádio Clube e Rádio Sociedade em todos os Estados do Brasil. Dessa forma, as emissoras foram se mantendo e trabalhando, para transmitir os acontecimentos importantes e as discussões realizadas na época.

Edgar Roquette Pinto, considerado o pioneiro da radiodifusão no Brasil, colocou para funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 20 de abril de 1923, com o objetivo de "lutar pela cultura dos que vivem em nossa terra".

Em 20 de abril de 1923, Roquette Pinto e Henry Moritze, membros da Academia de Ciências, antevendo a possibilidade de utilização desse novo recurso para a formação e informação das pessoas, fundam, na

própria Academia, a Radio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira estação radiodifusora do Brasil. (PRETTO, 1996, p.63)

Para ele, a principal função do rádio era educar, pois acreditava que, se o Rádio fosse utilizado “com vontade, alma e coração, poderia transformar o homem em poucos minutos”. Dessa forma, Roquette Pinto “apaixonou-se pelo veículo [...] constatou que aquela caranguejola, feita de bambu, alguns fios de cobre, uma bobina de papelão e um fone de aparelho comum, funcionava maravilhosamente”. (MARTINS, 2010, p. 131)

No caso do Brasil, o Rádio era o meio de comunicação perfeito para a época: ajudava a superar as longas distâncias, chegando a locais remotos e de difícil acesso. Nos treze anos em que dirigiu a Rádio Sociedade, Roquette Pinto enfatizou os programas educativos. A base da programação da emissora eram palestras, cursos e aulas de português, física, geografia, história e higiene, entre outras. Martins (2010) ainda destaca que ele “acreditava no poder do rádio como veículo capaz de provocar mudanças na mentalidade popular” (p.132)

Pressionado pela concorrência do Rádio comercial, que ficou mais forte nos anos 30, em 1936 Roquette Pinto doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação e Cultura, com a condição de que o compromisso da emissora com a educação fosse mantido.

Fundadas ainda na década de 20, as rádios Clube do Brasil (Rio), Educadora Paulista (São Paulo) e Sociedade da Bahia (Salvador) também apresentavam programas educativos e culturais. Na Rádio Clube Carioca, por exemplo, em novembro de 1924, o professor Júlio Nogueira iniciou uma série diária de lições práticas de português para corrigir erros comuns da língua falada, prática que se sustenta na mídia até os dias de hoje. Exemplos como esse provam que a primeira função do Rádio brasileiro foi principalmente educativa.

Porém, na época, as emissoras não sobreviviam da publicidade, proibida pela legislação, mas da contribuição de doações dos associados e entidades privadas. O rádio ainda não era um negócio, não tinha estrutura

empresarial. Também não era considerado um veículo de entretenimento de massa, pois não atingia a casa de todas as famílias. “[...] à época, dizia-se que só era radiouvinte quem tinha recursos, tempo e paciência, para sintonizar a emissora desejada. No Brasil, na década de 20, foram fundadas somente 19 emissoras...” (HAUSSEN, 2001, p.23)

Em 1932, com a autorização pela legislação a receber pagamentos por veiculação de publicidade comercial, o rádio passa para uma nova fase, deixa de servir uma elite e passa a ser realmente um veículo de comunicação de massa, época em que o Brasil vive momentos de mudanças significativas.

Aguiar (2007) destaca que:

O rádio criou e recriou estilos de vida. O rádio inventou palavras, expressões e práticas cotidianas... O rádio pôs o Brasil e o mundo na sala do brasileiro. Com sua capacidade de falar simultaneamente a milhões de pessoas, o rádio transformou-se em uma ferramenta poderosa de informação de massa” (Aguiar, 2007, p.13)

Assim, o rádio tornou-se um aparelho essencial em todos os lares, permanecendo ligado praticamente dia inteiro, transmitindo notícias importantes, rádionovelas, musicais, programas humorísticos, entre outros que se destacavam em meio às programações. O rádio, assim, tornou-se realmente parte do cotidiano dos brasileiros que não perdiam as informações diárias transmitidas pelas ondas de rádio.

Quando Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, após liderar a Revolução de 30, as emissoras estavam apenas iniciando sua caminhada.

A autorização oficial para a veiculação de publicidade só viria em 1932, através do Decreto Lei 21.111... O Decreto 20.047, do ano anterior, 1931, que substitui o primeiro Decreto de 1924 sobre radiodifusão no país havia estabelecido que a radiodifusão era de interesse nacional com fins educativos. (HAUSSEN, 2001, p.32)

A partir daí entram as questões políticas, que começaram a tomar frente nas estações de rádio, pois o que o Decreto previa não se cumpriu.

O que desde o início se distanciou do decreto de 1931 foram os fins educativos da radiodifusão, pois baseado em princípios de liberdade e de expressão, os empresários da indústria cultural logo procuraram tratar do novo meio de comunicação dentro do processo produtivo (produção – circulação – consumo) em busca do lucro. (CAPARELLI apud Haussen, 2001, p. 32)

Desta forma, também nessa época, começaram os investimentos comerciais neste veículo de comunicação, que se mostrou um caminho excelente para a publicidade. Os programas, então, ao invés de educativos e culturais passaram a voltar-se ao lazer e diversão em primeiro lugar. As empresas passaram a se dar conta que, devido ao grande número de analfabetos, anunciarem no rádio valia muito mais a pena do que nos materiais impressos. Então, as emissoras passaram a se preocupar com as programações devidamente organizadas e elaboradas, na busca por grandes audiências. Passaram a veicular programas humorísticos com a dupla “Manezinho e Quintanilha”, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e também programas variados, criados pela “Rádio Miscelânea”. (HAUSSEN, 2001, p.58). Assim, as questões educativas, para as quais o rádio havia sido criado começaram a distanciar-se das emissoras.

E na política, não foi diferente. O presidente Getúlio Vargas passou a dar-se conta da importância do papel das rádios na vida dos brasileiros, e o quanto poderia ser aproveitado a favor do governo, que passou a utilizar esse veículo de comunicação, porém de forma autoritária. Substituiu alguns departamentos já organizados entre as emissoras e criou o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, diretamente ligado à Presidência da República e “tendo a seu encargo a fiscalização e censura não só do conteúdo das programações radiofônicas, como as do cinema, teatro e jornais” (FREDERICO, 1982, p. 63).

Desde o início de seu governo, Vargas criou um esquema de censura dentro das redações e estações de rádio. Além disso, organizou censores que estavam presentes, sempre que necessário, nas edições do programas que

seriam veiculados e dentro das redações dos jornais que circulariam pela cidade somente com o que fosse permitido pelo governo.

A censura por sua vez, era exercida por dois meios – pela Divisão de Radiodifusão e pela presença do censor no veículo, em casos especiais. Nos jornais, a presença do censor era permanente. O artigo 95 do Decreto Lei de 1.949, de 30 de dezembro de 1939, regulava a censura nas programações gerais, desde as informativas como as de diversões públicas. (HAUSSEN, 2001, p.43)

Dessa forma, o presidente comandou o país, defendendo os ideais de trabalho e ordem. A rádio Nacional passou a ser a sede do governo, pois em 1940 foi estatizada, e Getúlio a utilizou para colocar em prática as idéias de governo.

É possível aventar que se completava, naquele momento, um projeto de radiodifusão que seria colocado em prática na rádio Nacional, do Rio de Janeiro, a partir de 1940...A Nacional transformou-se em “vitrine” do Estado Novo, regime ditatorial implantado por Vargas, em 1937, e que vigora até 1945. (BAUM, 2004, p.119)

A autora ainda completa que “a emissora completou a política de integração Nacional, meta defendida pelo Estado Novo para unir o país no momento conturbado que resultaria na Segunda Guerra Mundial. O rádio confirmava-se como o principal meio de comunicação do período” (BAUM, 2004, p. 119)

Apesar de todo envolvimento político colocado dentro das rádios brasileiras, Getúlio foi o único presidente a se preocupar com a organização legal das emissoras e de toda radiodifusão do país. Além disso, utilizou o rádio como canal direto com a população, proporcionando a todos, a oportunidade de acesso à informação. “Os ouvintes souberam antes da entrada em vigor do Estado Novo, do que os leitores de jornais” (BAUM, 2004, p.120).

Um dos programas criados durante o governo de Getúlio Vargas, que perdura até hoje, e não podemos deixar de lado é “A voz do Brasil”. O

programa, criado por Armando Campos, amigo de infância de Getúlio, tinha como objetivo ajudar o seu amigo, transmitindo suas idéias para a população escutar, apreciar e assim ver de maneira positiva o governo. Iniciou sua transmissão em 22 de julho de 1935, durante o governo de Getúlio Vargas com o nome de "Programa Nacional", sendo apresentado pelo locutor Luiz Jatobá. De 1934 a 1962, foi levado ao ar com o nome de Hora do Brasil. “Durante a segunda Guerra Mundial o programa tornou-se praticamente o único meio de comunicação entre os pracinhas brasileiros e suas famílias” (PEROSA, 1995, p. 52)

Em 1938, já com esse nome, o programa passou a ter veiculação obrigatória, somente com a divulgação dos atos do Poder Executivo, sempre das 19 às 20 horas, no horário de Brasília. Em 1946, após a deposição do governo de Getúlio Vargas (1945), por determinação do presidente Dutra, o nome "Hora do Brasil" muda para “Voz do Brasil”, que “teve presença obrigatória não apenas na cobertura do processo de formação da Assembléia Nacional Constituinte, em dezembro de 1945, como também durante o desenvolvimento de seus trabalhos” (PEROSA, 1995, p. 58).

Após o retorno do governo de Getúlio, em 1950, “Vargas reiniciou a “política de reaproximação” com as massas... difusão feita pela Voz do Brasil” (PEROSA, 1995, p. 63), até 1956, quando Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República.

Em 1962, a partir da entrada em vigor do Código Brasileiro de Telecomunicações, o Poder Legislativo passou a ocupar a segunda meia hora do noticiário.

Durante todos esses anos de transmissão, a presença marcante da Voz do Brasil esteve em meio a política brasileira, sendo que as programações eram feitas sempre acompanhando a política da época.

Em 1995, a Voz do Brasil entrou para o Guinness Book como o programa de rádio mais antigo do Brasil. O noticiário também é o mais antigo programa de rádio do Hemisfério Sul

Atualmente, os primeiros 25 minutos da Voz do Brasil são produzidos pela Radiobrás, e gerados ao vivo, via Embratel, para todo o Brasil.

A partir dessas informações, e de pesquisas que se baseiam em estudos sobre a história do rádio no Brasil, podemos organizar uma linha do tempo com os principais acontecimentos, desde as primeiras descobertas das ondas de rádio:

1887 - Henrich Rudolph Hertz descobre as ondas de rádio.

1893 - Padre Roberto Landell de Moura faz a primeira transmissão de palavra falada, sem fios, através de ondas eletromagnéticas.

1896 - Guglielmo Marconi realiza as primeiras transmissões sem fios.

1922 - Primeira transmissão radiofônica oficial brasileira.

1923 - Roquette Pinto e Henrique Morize fundam a primeira emissora brasileira Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No dia 30 de novembro é criada a Sociedade Rádio Educadora Paulista - PRA-E.

1931 - É fundada a PRB 9 - Rádio Record de São Paulo. No início dos anos 30 o Brasil já tinha 29 emissoras de rádio, transmitindo óperas, músicas e textos instrutivos.

1932 - O Governo de Getúlio Vargas autoriza a publicidade em rádio. Ademar Casé estréia seu programa na Rádio Philips. Casé (avô da atriz Regina Casé) criou o 1º jingle do rádio brasileiro: "Oh! Padeiro desta rua/Tenha sempre na lembrança/Não me traga outro pão/Que não seja o pão Bragança..."

1934 - Criada a Rádio Difusora, apelidada de "Som de Cristal", onde surge o termo "radialista", inventado por Nicolau Tuma. Tempos de censura no Brasil.

1935 - Inauguração da Rádio Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro. Instituição do programa oficial do governo de Getúlio Vargas, a Voz do Brasil, transmitido até hoje. Assis Chateaubriand inaugura em 25 de setembro a PRG-3, Rádio Tupi do RJ.

1936 - Ao som de "Luar do Sertão", às 21 horas do dia 12 de setembro, ouvia-se: "Alô, alô Brasil! Aqui fala a Rádio Nacional do Rio de Janeiro!". Surge a PRE-8, adquirida por apenas 50 contos de réis da Rádio Philips.

O ano de 1936 marca também a estréia no rádio de Ary Barroso. Um polêmico narrador esportivo que tocava gaita quando narrava os gols. Tornou-se uma das mais importantes figuras do Rádio. Começou na Rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro. Apresentador de vários programas de sucesso e compositor da música "Aquarela do Brasil", entre outras.

1937 – É criado o serviço de radiodifusão educativa.

1938 - Acontece a primeira transmissão esportiva em rede nacional no Brasil, na Copa de 38, por Leonardo Gagliano Neto, da Rádio Clube do Brasil do RJ.

1939 - Almirante ("a maior patente do rádio!") chamava-se Henrique Foréis Domingues. Fez sucesso nas décadas de 30 e 40. Criou o primeiro programa de auditório do rádio brasileiro, chamado "Caixa de Perguntas". Em 1939, na Rádio Nacional.

1941 - Em 12 de julho, começa a transmissão da primeira rádio novela do País, que foi apresentada durante cerca de três anos, pela PRE-8, Rádio Nacional do RJ. Era a novela "Em Busca da Felicidade". A seguir foi a vez de "O Direito de Nascer".

Surge o noticiário mais importante do rádio brasileiro: o "Repórter Esso". A primeira transmissão aconteceu às 12h45min do dia 28 de agosto de 1941, quando a voz de Romeu Fernandez anunciou o ataque de aviões da Alemanha à Normandia, durante a 2ª Guerra Mundial. O gaúcho Heron Domingues marcou a história do rádio apresentando durante anos o "Repórter Esso". Em São Paulo a transmissão era feita pela Record PRB-9.

Na década de 40 entra no ar o primeiro jornal falado do rádio brasileiro: o "Grande Jornal Falado Tupi", de São Paulo.

1942 - Abelardo Barbosa (Chacrinha) surgiu no final dos anos 30, na PRA-8 Rádio Clube de Pernambuco. Em 1942 ele foi para a Rádio Difusora

Fluminense. A partir de então ficou conhecido como Chacrinha, pois a emissora ficava numa chácara em Niterói. É criado o "Cassino do Chacrinha". Em 1959 o "Velho Guerreiro" estréia na Televisão.

1946 - Surgem os gravadores de fita magnética, dando maior agilidade ao rádio.

1948 - Na Rádio Nacional faz sucesso o programa "Balança, mas não cai".

1950 – Surge o movimento de Educação de Base (MEB), que coloca o rádio com papel fundamental na educação.

1953 - A cantora Emilinha Borba, que começou na Rádio Cruzeiro do Sul, foi consagrada a "Rainha do Rádio", na Rádio Nacional, em 1953.

1962 - Em 27 de novembro, é criada a Associação Brasileira de Rádio e Televisão - ABERT.

1964 - O golpe militar de 31 de março, que perdurou até os anos 80, institui diversos atos institucionais que recrutam a censura sobre os veículos de comunicação até mesmo extinguindo alguns programas radiofônicos.

1965 - O Brasil é integrado no Sistema Intelsat.

1965 - Inauguração do MIS - Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

1967 - Criado no dia 25 de fevereiro o Ministério das Comunicações.

1968 - As ligações em FM, utilizadas como links para transporte do som dos estúdios aos transmissores, são proibidas. O governo decide distribuir estes canais, visando a expandir o número de emissoras, o que efetivamente ocorre em meados dos anos 70. A Rádio Difusora de São Paulo foi a primeira a transmitir regularmente em FM no Brasil (02/12/1970).

1969 - Rádio Cultura AM de São Paulo é estatizada, passando a fazer parte da recém instituída Fundação Padre Anchieta.

1970 - Emissoras oficiais e privadas transmitem o Projeto Minerva. O programa é produzido pelo Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, e gerado pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro. (04/10)

1975 - Governo cria a Radiobrás (Lei 6.301, de 15/12).

1980 - Inicia-se a automatização das emissoras de rádio. Na área da informática, os computadores são, gradativamente, implantados nos estúdios e nas redações.

1982 - Rádio Bandeirantes AM, de São Paulo, transmite o radiojornal Primeira Hora via satélite.

1983 - Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é a primeira emissora AM a implantar o estilo para transmitir noticiário radiofônico 24 horas por dia, processo que se consolida nos anos seguintes.

Instituído oficialmente o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), que funcionou até 1988.

1988 - A Constituição Brasileira de 1988 prevê a regulamentação de vários itens que abrangem os meios de comunicação social. Entre eles: as permissões para as rádios comunitárias (regulamentada em 1998), criação do Conselho de Comunicação Social (regulamentado em 2002).

1989 - Desponta a primeira rede de rádio comercial via satélite: BandSat AM. A partir de 1990, outras emissoras passam a transmitir nesta modalidade, entre elas, a Jovem Pan e Transamérica.

1990 - Sistema de rádio por cabo é lançado, mas não se firma.

1991 - O sistema Globo de rádio inaugura a CBN (Central Brasileira de Notícias), emissora especializada em jornalismo, que a partir de 1996 inicia suas transmissões simultâneas em FM.

1993 - Formada a Rede Conesul de Comunicação, agregando as rádios: Gaúcha (Porto Alegre/Brasil), Mitre (Buenos Aires/Argentina), Carve (Montevideu/Uruguai), Ñanduti (Assunção/Paraguai) e Cooperativa (Santiago/Chile).

1995 – Dia 31/05, a web comercial brasileira começa oficialmente.

1996 - Surge a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO)

1997 - Congresso Nacional aprova a Lei Geral das Comunicações, criando a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL).

RadioFam da PUC do Rio Grande do Sul, web rádio universitária pioneira no País, entra na internet.

1998 - Decreto 26.615 regulamenta as rádios comunitárias (Lei nº 9.612, de 19/02/1998).

Entra no ar a Rádio Totem, com sede em São Paulo, considerada a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet.

2000 - Começam as discussões de implantação do Sistema de Rádio Digital.

2003 - Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é a primeira emissora comercial brasileira a realizar uma transmissão experimental de recepção digital do Brasil.

2005 - Primeira rede em FM com 24 horas de notícias (BandNews).

2007 - Criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

2008 - Comissão da ABERT entrega ao Ministério das Comunicações relatório final dos testes com o sistema de rádio digital IBOC, realizados pelo Instituto Mackenzie, concluindo que o padrão é o único a atender às necessidades da radiodifusão sonora brasileira em OM (Ondas Médias) e FM.

2010 - Ministério das Comunicações divulga padrão do rádio digital brasileiro.

Com todas essas informações, podemos constatar que o rádio é um veículo de comunicação e informação que realmente faz parte da vida dos brasileiros e está presente em todos os momentos da história de nosso país, contribuindo com a formação do cidadão e preservando os direitos de liberdade de expressão.

3 A RELAÇÃO DO RÁDIO COM A EDUCAÇÃO

Na atualidade, estamos vivendo um momento histórico e social muito forte e de transição de paradigmas educacionais. Neste sentido, pensamos que as tecnologias podem e devem contribuir para repensarmos e reconstruirmos nossa prática, nossa concepção de educação, de professor, de aluno, enfim, de novas aprendizagens neste novo cenário.

Apesar de serem reconhecidas pelos professores e pelos alunos, essas novas linguagens e possibilidades ainda são pouco utilizadas na escola, que tende a se colocar em uma postura de indiferença e resistência em relação ao uso desses novos recursos em sala de aula, mesmo cientes da presença dessas linguagens em nosso universo cultural.

Portanto, para falar em educação, rádio, proposta de trabalho não se pode deixar de lado uma questão fundamental para que essa construção, esse crescimento aconteça: a prática feita pelos professores em sala de aula e a atitude diante das novas possibilidades de trabalho.

Aqueles professores, que já se “abriram para o novo”, e que associam as tecnologias aos métodos ativos de aprendizagem, desenvolvem uma habilidade na construção das atividades, articulando os conceitos e os recursos tecnológicos com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que os ajudam a refletir sobre a própria prática e a transformá-la. Sendo assim, não mais conseguem trabalhar de outra forma, senão utilizando-se dessa prática. Já outros, que ainda sentem-se apreensivos e inseguros, acabam refugiando-se no seu quadro-negro, e dali não saem.

Para que uma mudança aconteça, Fagundes (1999) coloca que:

O salto necessário se constitui em passar de uma visão empirista de treino e prática – controle e manipulação das mudanças de comportamento do aprendiz –, que tem orientado a prática pedagógica, para uma visão construtivista de solução de problemas – favorecimento da interatividade, da autonomia em formular questões, em buscar informações contextualizadas, da comprovação experimental e da análise crítica. (FAGUNDES, 1999, p.13).

O desenvolvimento de competências necessárias ao processo de ensino e aprendizagem leva a uma redefinição do papel do professor: "mais do que ensinar, trata-se de fazer aprender (...), concentrando-se na criação, na gestão e na regulação das situações de aprendizagem" (PERRENOUD, 2000, p. 139), cuja mediação propicia a aprendizagem significativa aos grupos e a cada aluno. Ainda de acordo com esse autor (p.21), os professores e professoras, do Ensino Fundamental, precisam trabalhar com dez domínios e competências prioritárias na sua formação contínua, dentre as quais utilizar novas tecnologias (utilizar editores de textos, comunicar-se a distância por meio da telemática, utilizar as ferramentas multimídia de ensino) podem ser apontadas como uma das mais importantes.

Assistimos mais a uma progressiva recomposição do leque de competências de que os professores necessitam para exercer seu ofício de forma eficaz e equitativa. Algumas formas de "dar aula" desaparecem lentamente, enquanto outras assumem uma crescente importância. (PERRENOUD, 2001, p. 10)

E esta importância está na forma de trabalhar com as mídias e tecnologias, que se refletem diretamente no modo de construção do conhecimento em nossos espaços de trabalho (a sala de aula). Nossos alunos, a cada dia, trazem uma infinidade de perguntas, informações que muitas vezes só poderão ser respondidas, através do trabalho de pesquisa e discussão, utilizando-se na maioria das vezes da internet. Dessa forma, o trabalho com os Projetos de Aprendizagem tornam-se necessários e importantes, pois só assim, conseguiremos dar sentido às aprendizagens de nossos alunos e buscar o

entendimento necessário às indagações presentes no dia-a-dia de cada um deles.

Quais de nossos alunos, não conhecem, ou têm contato com um telefone celular, a televisão, o rádio, ou até mesmo um computador, formas diversificadas de tecnologia e mídias presentes no cotidiano de cada um. O professor pode e deve propor situações em que essas aprendizagens sejam colocadas em prática, aproximando-se assim, da realidade dos educandos. Dessa forma,

Em lugar de guardião da aprendizagem transmitida, o professor propõe a construção do conhecimento disponibilizando um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos aprendizes. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais, e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos aprendizes. (SILVA, 2005, p.67)

Para incorporar as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente novas idéias, criando e desatando novos nós conceituais, com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, teorias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Porém, mudar exige esforço e aceitação, e essa mudança torna-se possível quando o educador passa a ter o domínio das TICs e as utiliza para inserir-se no contexto e no mundo, representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os.

Nessa nova realidade, da sociedade da informação, a educação deve ter uma nova cara e desempenhar uma nova função, necessita auxiliar e promover a inclusão tecnológica, formando pessoas que saibam o que querem e desenvolvam sua autonomia, se colocando como sujeitos diante das novas tecnologias e suas possibilidades, trabalhando a fim de construir sua cidadania.

Thier (2010) destaca que esta é uma maneira de promover a democratização ao acesso às novas tecnologias.

A educação passa a ter um novo papel diante da sociedade da informação, precisa contribuir para a inclusão tecnológica, formando pessoas autônomas, que se constituam sujeitos ante a tecnologia e suas possibilidades, interferindo na tomada de decisões. Esta é uma forma de promover a democratização ao acesso às novas tecnologias. (THIER, 2010, p. 3)

Neste sentido, o papel da escola é buscar pela implantação desses recursos e trabalhar com eles, de maneira a habituar os alunos para o exercício de funções e tarefas que se utilizem dessas mídias digitais. Silva (2003) destaca que,

Embora o Brasil caminhe para um processo de desenvolvimento e autonomia tecnológica, na educação a realidade mostra que o índice de escolas que utilizam, sistematicamente, as novas tecnologias ainda é muito baixo, e a discussão nos currículos escolares e universitários sobre aspectos relacionados à sociedade da informação também não ocorre de forma sistemática, embora seja fundamental para a inserção de professores e alunos nessa realidade. (SILVA, 2003, p.23)

A interação professor-aluno, dentro desta realidade tecnológica, pode, e deve auxiliar nas reflexões críticas, contribuindo para uma educação mais consciente. Quanto mais a realidade se aproxima do aluno, mais forte e viável será o trabalho pedagógico.

Nossas escolas, atualmente, trabalham dentro de uma realidade de avaliação e exclusão, onde os alunos são comparados entre si, de acordo com parâmetros predeterminados. Os problemas de aprendizagem estão presentes por muitos motivos. A luta da educação, e de todos nela envolvidos é o de se adaptar às diferentes habilidades.

Ser professor hoje, como diz Gadotti, “não é nem mais fácil nem mais difícil do que era há algumas décadas atrás. É diferente” (2002, p.7). O ambiente de aprendizagem onde o professor exerce sua atividade profissional,

de educar e de auxiliar na construção de novas aprendizagens, em partes permanece como tempos atrás. A organização do currículo, do espaço e do tempo, da avaliação e muitos dos materiais utilizados na prática pedagógica também permanecem quase imutáveis, porém, os nossos alunos, protagonistas da educação, trazem junto de si, novos entendimentos, novas atitudes e as marcas de uma sociedade globalizada, tecnológica, cada vez mais individualista, fechada, competitiva, consumista. Diante dessa nova etapa da educação, a busca por novos recursos torna-se imprescindível ao desenvolvimento do processo educativo.

Os novos recursos serviram apenas para animar uma educação cansada. Hoje as mudanças que estão ocorrendo exigem uma nova postura da escola, preocupada em formar um profissional, capaz de viver plenamente essa civilização da imagem e da informação (PRETTO, 1996, p.103).

O rádio, meio de comunicação simples e de fácil acesso, poderá ser utilizado como um recurso pedagógico nessa nova realidade, propondo alternativas de construção coletiva da aprendizagem para todas as crianças, mesmo aquelas que precisam de um trabalho diferente em sala de aula. Essa ferramenta propicia experiências estimulantes na educação, relevantes para modificar o tradicional ambiente escolar.

Ele é um dos veículos de comunicação, assim como a televisão, mais presentes no cotidiano das pessoas, e entre elas, crianças e adolescentes. Uma pesquisa realizada em 2003, pelo instituto Multifocus, revela que 86,5% das crianças de 6 a 11 anos das diversas classes sociais, escutam rádio regularmente.

Corsani (2007) destaca que:

Desde que a humanidade começou a perpetuar seus registros no tempo, compondo a História, chegam evidências de que os grupos humanos têm desenvolvido de forma mais progressivamente sistemática processos educativos e processos comunicativos ambos entendidos basicamente como ações objetivas direcionadas para a

organização e a transmissão de conhecimentos de um indivíduo ao outro. (CORSANI, 2007, p.10).

Dessa forma, os meios de comunicação vêm se destacando em nosso crescimento intelectual e social, e entre eles o rádio.

"O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos - desde que o realizem com espírito altruísta e elevado". Com essas palavras, Edgard Roquette Pinto, o patrono do rádio brasileiro, costumava definir esse veículo tão popular e fascinante que é o rádio.

Fundamentalmente, o ideal humanista de Roquette-Pinto, que influenciou profundamente a relação entre rádio e educação no Brasil, era plenamente justificável: o rádio, enquanto inovação tecnológica de grande potencial, deveria ser empregado prioritariamente para levar educação e cultura a todas as partes do país. (CORSANI, 2007, p. 33)

Porém, o rádio atravessou alguns momentos de mudanças em relação aos seus primeiros ideais, tornando-se durante o Estado Novo, veículo de entretenimento e informação do governo militar.

Após o Estado Novo, nos de 1950-60, surge o MEB (Movimento de Educação Básica), na tentativa de resgatar os ideais de Roquette-Pinto. "O projeto consistia em utilizar a metodologia problematizadora de Paulo Freire para alfabetizar agricultores do Norte do Nordeste" (CORSANI, 2007, p. 34).

O MEB tem como instrumento pedagógico básico o rádio, que possibilitou, em função das suas características, o desenvolvimento de atividades que buscavam, ao mesmo tempo, uso de técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer Educação à distância, mas também a sua interação com atividades locais, dentro das salas de aula e nas comunidades. (PRETO & TOSTA, 2010, p.23)

Diante do golpe militar de 1964, o projeto foi interrompido e substituído pelo Projeto Minerva (governo militar), que previa aulas à distância, com obrigatoriedade de cinco horas semanais (CORSANI). Este projeto foi estagnado na década de 1980, sendo que por alguns anos o governo deixou de utilizar o rádio para fins educativos.

O conceito de rádio educativa está presente no Código Brasileiro de Radiodifusão, de 1963, - valorizado por uma Portaria Interministerial de 1999 (pág. 44) - segundo o qual tais emissoras devem ser geridas por universidades ou fundações sem fins lucrativos, com uma programação comprometida com a educação e ficando proibidas de veicular publicidade.

Em nosso país, esse conceito educativo ainda permanece muito ligado à idéia de escolas radiofônicas, pois, durante muitos anos, as emissoras foram utilizadas para transmitir educação formal, isto é, aula pelo rádio.

As emissoras de rádio permanecem tentando mostrar que não é mais essa a proposta, pois, nos dias atuais, o conceito é mais cultural. O papel educativo do rádio entra como um serviço de discussão de idéias e de mobilização da sociedade, incentivando os ouvintes a participarem de ações em sua localidade e tornarem-se sujeitos ativos.

No entanto, essa proposta não é nova. Está presente desde as primeiras contribuições radiofônicas do país. O conceito de educação está na origem do rádio, no entanto, como nosso modelo institucional é o comercial, a idéia inicial foi sendo substituída pelo entretenimento e pela informação.

Além disso, podemos destacar a questão política, que está sempre presente nas programações de rádio. Um dos grandes problemas do rádio brasileiro é estar nas mãos de comerciantes e de políticos religiosos. Segundo o site Donos da Mídia¹, existem atualmente, 271 políticos envolvidos com as rádios do Brasil, sendo além das rádios, um total de 324 veículos de comunicação com alguma interferência política. Com certeza essas sociedades

¹ Site: www.donosdamidia.com.br

acontecem com o objetivo de manipular as informações e não permitir que transpareça tudo o que ocorre dentro da política do país.

A situação piorou com o surgimento da televisão, quando as emissoras iniciaram a busca pela sobrevivência por meio de música e notícia, deixando de lado o papel educativo, que nos dias atuais, é residual e insignificante.

Em 1998, com a extinção da Fundação Roquette-Pinto, pertencente à Secretaria de Comunicação da Presidência da República, e com a criação da Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto –ACERP, uma Organização Social, os projetos educativos da Rádio MEC do Rio de Janeiro ficaram bastante reduzidos. Com isso, o próprio SINRED está desativado, e foi criada uma nova emissora via satélite, a MEC-SAT, para a transmissão da programação da Rádio MEC. A programação que vem sendo transmitida, no entanto, está mais voltada para o entretenimento, sendo em sua maior parte de música brasileira. (PIMENTEL, 1999, p.86)

Penso que uma possibilidade de desenvolver boas programações seria juntar entretenimento ao conteúdo educativo, já que, uma produção de rádio comparada com a televisão, é muito mais barata. Porém, infelizmente, essas iniciativas são raras, pois projetos deste tipo são incompatíveis com os objetivos de lucro comercial, que é o que comanda dentro das emissoras brasileiras atualmente.

Como se pode perceber, o rádio desempenhou um papel importantíssimo junto à sociedade, constituindo-se em elo de ligação entre a cidade e o campo, unindo a população em torno do mesmo ideal. Todas as novidades, notícias e acontecimentos eram divulgados por meio do rádio, que mesmo tendo sofrido grandes mudanças, continua fazendo parte do cotidiano das pessoas, acelerando as informações e encurtando distâncias. (MENEGUEL & OLIVEIRA, 1998, p.24)

De acordo com o educador e radialista, Carlos Alberto Mendes de Lima, o rádio, do ponto de vista social, muito pode contribuir para o fortalecimento de identidades regionais, locais e grupais devido ao fato de ser altamente descentralizado em termos de recepção e produção. Em muitos municípios brasileiros, é possível constatar a existência de canais radiofônicos,

o que acreditamos não ser possível, por exemplo, com a televisão, cujos custos elevados de produção e transmissão levam necessariamente à formação de redes. Nesse caso a programação não favorece a opinião e a manifestação cultural desses lugarejos, sendo dessa forma uma programação uniforme e na maioria das vezes contextualizada apenas para os grandes centros urbanos.

O rádio está em 98% das casas, em 83% dos carros [...] o rádio não tem fronteiras. Pode estar presente numa cidade do interior, caracterizando sua face regionalista, ou em pontos mais remotos, de alcance nacional ou internacional, atravessando oceanos. (CESAR, 2005, p. 174)

Vários recursos estão cada vez mais disponíveis dentro das escolas. O rádio, talvez seja um dos mais comuns. Infelizmente, na maioria das vezes é apenas utilizado para reproduzir músicas em poucos momentos dentro das escolas.

Cesar ainda destaca que “o rádio, além de simples companhia, pode contribuir para melhorar a cultura, a saúde e a educação no Brasil” (2005, p. 165).

A exploração dessa mídia é pouco utilizada para promover a educação, porém é importante considerar seu grande alcance com a população e suas influências. De acordo com Eduardo Meditsch, em entrevista concedida, por e-mail, a Luiz Egypto, do *O/*:

O rádio tem uma série de razões para aparecer como o patinho feio: é um meio invisível em plena era da imagem; um meio aparentado com a oralidade numa cultura onde o que vale é o escrito; um meio absolutamente fugaz numa civilização que prestigia a posteridade; e, sobretudo um meio descentralizado, na contramão de um sistema econômico e político baseado na acumulação. Mas como bom patinho feio, o rádio também se revela cisne: permanece o meio com maior alcance de público, em números absolutos de audiência, e o meio que as pessoas mais usam, em horas de utilização por semana. (MEDITSCH, 2001)

E nesse sentido, a exploração dessa potencialidade trazida pelo rádio precisa ser realizada. O ensino, entendido como o sistema escolar em seu sentido mais amplo, deve facilitar a formação adequada para que os cidadãos sejam capazes de analisar a cultura que os meios oferecem e fazer sua própria reelaboração dessa cultura, já que é ela que, consciente ou inconscientemente, se impõe, e não a cultura dos cidadãos.

Na sociedade do conhecimento e da aprendizagem, nada mais significativo que trabalhar com problemas reais, adotar posições variadas de interpretação, estimular a vivência de múltiplos papéis em contextos realistas, articular o conhecimento declarativo, procedimental, atitudinal, fomentar múltiplas formas de representação dos conhecimentos, a consciência do processo de aprendizagem [metacognição]. (FIORENTINI, 2005, p.161)

Será necessário pensarmos em um novo modelo metodológico onde haja flexibilidade, em relação tanto aos conteúdos quanto às formas de apresentação, à organização, ao momento de acesso, à definição do meio ambiente da aprendizagem e à constituição do grupo humano com o qual se trabalha, fortalecendo o espaço reservado às mídias no ambiente escolar. Dentro desse contexto, chama-se a atenção para o impacto educacional das mídias nas pessoas, em especial o rádio, pois através de suas linguagens e produções, educam.

As crianças de hoje são constantemente desafiadas a fazer a leitura dessas novas linguagens, deslocando o interesse dos textos escritos para outros que utilizam os aspectos sonoros e visuais, ou a combinação desses elementos com as formas verbais. (CITELLI, 2000, p. 139)

Assim, as novas aprendizagens vêm acontecendo, de forma diferenciada e criativa; onde os agentes envolvidos (professor e aluno), discutem e combinam novas formas de construção dos conhecimentos.

Figueiredo (2004) coloca uma questão sobre a matemática utilizada nas escolas, que julgo ser bastante pertinente quando relacionada à utilização do rádio no ambiente escolar:

No mundo de hoje a criatividade é o novo paradigma para a resolução dos mais variados problemas. Criatividade aqui é entendida como a capacidade de sermos suficientemente flexíveis para sairmos do seguro, do conhecido, do imediato e assumirmos riscos ao propormos o novo, o possível. (FIGUEIREDO, 2004, p.3).

A aceitação de que não há linearidade na escola é um bom começo. Estamos cada vez mais desafiados a transformar a avalanche de informações que recebemos em conhecimentos servíveis. A escola não pode fugir a regra. Fazer de conta que está em outra dimensão. Nós professores precisamos estar dispostos a rever práticas, metodologias, enfim rever conceitos. Temos também nossa história, nossa formação, mas nos é apresentado essa realidade que nos impele a obrigação de aprender a agir e interagir com ela. Estamos numa pequena desvantagem, pois o avanço tecnológico é muito rápido e começou a tornar-se mais acessível na última década. Mas nossa profissão é desafiadora e importante na formação da sociedade que queremos para o futuro, então novas propostas são necessárias para o trabalho com nossos alunos.

De acordo com Carvalho (2005):

A escola é permeada por uma rede de relações que devem ser compreendidas e para isso é necessário que os educadores desenvolvam um conjunto de habilidades e competências para, assim, fazer uma análise da instituição e de suas ações pedagógicas, num trabalho pedagógico de equipe e com construção epistemológica interdisciplinar. (CARVALHO, 2005)

Buscamos construir nossa história, como agentes do processo, traçando caminhos sólidos e buscando ajudar em transformações que visem à construção de comunidades mais felizes, justas, autônomas em suas buscas e cientes de seus direitos e deveres na sociedade. Neste sentido, o rádio possibilita essa interação e construção de uma nova forma de ensino, em que todos, em equipe trabalhem na construção de novos conhecimentos, tenham novas atitudes e exercitem sua cidadania.

4 O USO DO RÁDIO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Rádio se faz em equipe. Essa premissa básica para o desenvolvimento de um programa ou de qualquer produto do veículo rádio, nos reporta a importância do rádio na educação contemporânea, onde o trabalho em equipe é essencial para a formação de nossos alunos, tão diferentes entre si, no modo de agir e de se comunicar.

Diante da realidade atual, entendo ser necessário trabalhar para favorecer/melhorar problemas que existem em nossas escolas. O trabalho educativo, precisa favorecer, integrar-se nos espaços onde ele se desenvolve, trabalhando "com mecanismos de participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares" (MORAES, 1997, p. 68).

Penso que o rádio é um veículo de grande atuação social que pode nos ajudar nessa busca. Através desta mídia, pessoas das mais diferentes classes sociais, níveis intelectuais, religiões e outras diferenças sociais, têm acesso à informação e a formas de entretenimento. É sem dúvida um veículo democrático e tem um papel importante na transmissão de conhecimento.

Para ajudar no processo de comunicação entre escola, comunidade e aluno, temos na construção da rádio no ambiente escolar, uma possibilidade de apoio e conseqüentemente diminuição da distância na concretização do processo ensino-aprendizagem. Para este trabalho, podemos utilizar estratégias como: uso adequado da voz, utilização de recursos de áudio para facilitar a transmissão de conhecimentos e adaptação de processos educativos

com uso do rádio. Além disso, existe a criação do laboratório de comunicação, no qual o aluno poderá mostrar sua capacidade criativa, de trabalhar em equipe e a oportunidade de mostrar seus talentos.

Outra possibilidade com a rádio na escola é a criação de programas com variados ritmos musicais, de diversas regiões do país e do mundo, isto aumenta o repertório de gostos musicais dos alunos que acaba sendo restrito às músicas comerciais e geralmente com nenhuma riqueza musical.

Em suma, o projeto rádio, na educação contemporânea, amplia a possibilidade na melhoria da qualidade de comunicação e auxilia no processo de transmissão/construção de conhecimentos. Além disso, cria condições para que o participante tenha uma experiência problema antes de sua atuação social, sobretudo, profissional. Disponibiliza técnicas e experiências para melhoria na habilidade de comunicação o que atingiria diretamente demandas de ensino.

Dessa forma, podemos trabalhar com o conceito de *educomunicação*, que está sendo utilizado por estudiosos da comunicação para designar “especificamente um campo emergente (e diferente) de estudos e práticas que não pode ser de todo absorvido (ou justificado, ou explicado), nem pela Comunicação, nem pela Educação (Pedagogia)” (CORSANI, 2007, p. 13).

Neste novo contexto, o professor deverá: trabalhar a noção do espaço educativo como um sistema aberto, gerir com compartilhamento os processos educativos, falar com uma transversalidade do discurso, ter um pensamento transdisciplinar e dar emprego privilegiado da expressão comunicativa por meio da arte. Tais tarefas, não são muito diferentes do que já é previsto em nossa LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), porém, muita coisa não é colocada em prática.

Para Soares (2002, p.6) “[...] a relação entre comunicação e cidadania vai além da questão da liberdade de expressão, passando pela universalização do direito à comunicação. A isso se denomina de educomunicação.”

Portanto, implementar a linguagem de rádio, juntamente com o conceito de educomunicação, no processo de ensino, cria uma nova alternativa

para estimular a melhoria da qualidade de educação e as condições de trabalhos dos profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

4.1 Rádio e educação nos dias de hoje: ações e desafios

Pensando em rádio na educação, podemos fazer algumas considerações sobre as modalidades de rádio educativa. Segundo Teixeira, Paez & Teixeira (2010) “as modalidades de rádio educativa seriam as seguintes: emissoras de centros educativos, emissoras formativas, socioformativas, programas educativos e “edu-webs” radiofônicas”. Cada uma dessas trabalha em suas individualidades, mas com o mesmo fim educativo, de construção de conhecimentos e exercício da cidadania.

Pimentel (1999) traz considerações acerca da radiodifusão educativa no Brasil e coloca que

algumas experiências particulares destacaram-se na radiodifusão educativa, sendo alternativas ao sistema oficial. A primeira a ser realizada foi a da Universidade do Ar, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, criada no ano de 1941 pelo então diretor da Emissora, Gilberto de Andrade. (PIMENTEL, 1999, p.36)

Esse programa era organizado para atender as necessidades dos professores secundaristas de todo o país, com objetivo pedagógico de oferecer a eles uma nova metodologia de apresentação das disciplinas, possibilitando um maior interesse dos alunos pelas matérias, além de oferecer bibliografia e formas mais eficientes de verificação de aproveitamento dos educandos.

No ano de 1950, em Valença, cidade do interior do Rio de Janeiro, o professor e técnico em educação Geraldo Januzzi lançou um Curso de Alfabetização pelo Rádio, através da emissora local, a Rádio Clube. Esta foi a primeira tentativa de alfabetização de adultos pelo rádio. [...] Em 20 de maio de 1957, Ribas da Costa apresentou o projeto do Sistema Rádio-Educativo Nacional, o SIRENA, que iniciaria suas atividades no ano seguinte, sendo oficialmente instalado em junho de 1958. (PIMENTEL, 1999, p.39, 40)

As principais atividades do SIRENA seriam a produção, gravação e distribuição de Cursos Básicos, transmitidos pelas emissoras do Sistema, e o incentivo à formação de Sistemas Rádio Educativos Regionais, oficiais ou particulares. Em 1964 foram aprovadas as “Normas e Diretrizes para o funcionamento do MEB”, diziam que os objetivos específicos de cada escola radiofônica eram a “conscientização, a mudança de atitudes e a instrumentação das comunidades”.

[...] No final da década de 60, o Movimento de Educação de Base passou a dar mais ênfase às práticas de animação cultural, deixando de lado a mensagem radiofônica. Devido ao seu caráter conscientizador dos integrantes das comunidades, principalmente das menos favorecidas economicamente, o MEB enfrentou sérias restrições durante a fase mais radical do regime militar, principalmente depois de 1968, sendo considerado um movimento perigoso para o sistema político da época, e sendo obrigado a moderar a sua pedagogia libertadora. [...]. (PIMENTEL, 1999, p.50)

Por essa razão, o governo organizou o Projeto Minerva (1973 a 1977), que se estruturava em quatro coordenações: Planejamento, Atividades Educacionais, Comunicação e Administração, com o curso Supletivo de 1º Grau.

No início dos anos 80, foi criado o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa – SINRED, um novo projeto para a transmissão da radiodifusão educativa brasileira. As primeiras manifestações do SINRED foram realizadas no mês de junho de 1982, com a co-produção de duas séries educativas e culturais, “Coisas da Província” e “Meu Brasil Brasileiro”.

[...] em 1995, foi criado um Programa de Apoio ao SINRED, o PROSINRED, a cargo da direção da Fundação Roquette-Pinto, visando a obtenção de recursos financeiros para a aquisição de equipamentos, através de projetos conjuntos das emissoras afiliadas. [...] Em 1996, começou a vigorar uma grade de programação experimental que iria se manter até 1998, quando o Sistema encerraria suas atividades. A maioria dos programas desta grade era produzida na Rádio MEC do Rio de Janeiro, sendo alguns poucos de outras rádios, o que dificultou o intercâmbio entre as diversas emissoras. (PIMENTEL, 1999, p.81)

Dessa forma, podemos verificar a grande atuação dos programas de rádio com objetivos educacionais em nosso país.

O surgimento das rádios universitárias marcou o início de uma nova fase da rádio educativa no país com a implantação de emissoras dentro das universidades, local destinado à produção e à transmissão de conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais.

Atualmente, das 327 emissoras educativas, 47 pertencem a Universidades².

O rádio pode e deve ter uma função educativa importante, já que chega a um grande número de pessoas de forma rápida. O rádio pode trazer informação de qualidade de forma lúdica e educativa para o povo. Assim, ele auxilia a escola no processo formativo de cidadãos conscientes e críticos.

Segundo Melo e Oliveira “O rádio pode significar o “aprender a aprender” na medida em que reforça seu caráter democrático, exercendo a função de educar as Massas”. (2004, p. 2).

Apenas uma simples proposta e o aparelho - rádio, apesar de atrativo, por si só não estimula os alunos, mas, o estímulo feito anteriormente à atividade é que envolve e instiga quem ouve.

Thier (2010) destaca que, a união de diversos fatores que se constituem através das palavras, como os recursos sonoros, as entonações diferentes do locutor para determinada situação, formam um resumo de linguagem que auxilia no envolvimento emocional dos alunos e na retenção de suas atenções.

A mesma autora destaca que o trabalho proposto, diante do aumento do nível de atenção, da compreensão de texto e da participação e entusiasmo no desenvolvimento de atividades da maioria dos alunos, consideram que o rádio pode ser utilizado como suporte de texto alternativo no processo de alfabetização de todos os alunos, mesmo aqueles com deficiência mental e/ou dificuldades de aprendizagem.

² Fonte: Módulo Básico Mídia rádio do curso Módulo Básico em Mídias na Educação

Dentro dessa proposta, de trabalho educativo, utilizando-se do rádio, Sampaio, Cavalcante & Alcântara (2006), trazem uma proposta interessantíssima desenvolvida em alguns estados brasileiros pelo UNICEF (Selo UNICEF – Município Aprovado), em que os municípios que desenvolvem projetos com crianças e adolescentes, utilizando como recurso trabalhos radiofônicos, recebem uma verba para esse fim. Dessa forma, fica fortalecida a idéia de que “é preciso não apenas reconhecer nas crianças e adolescentes sujeitos de direito, mas possibilitar a elas o exercício da cidadania” (Sampaio, Cavalcante & Alcântara, p.55).

Essa parceria é exemplo de que, mesmo que o poder público seja obrigado a organizar trabalhos sociais em que as crianças sejam inseridas em seu meio e proporcionado momentos de exercício de sua cidadania, é possível sim utilizar o rádio como veículo de produção de conhecimento e interação. Partindo, então do “empurrão” dado pelo UNICEF, formaram-se parcerias entre prefeituras, parceiros e emissoras de rádio, que trabalham buscando recursos e dessa forma, trazem resultados positivos para sua comunidade. É claro que muitas indicações à Prefeitura e ao UNICEF são feitas durante as programações, mas o que torna-se muito mais relevante, nesse caso, é a abertura do espaço para que as crianças debatam, estudem e tornem-se cidadãos realmente atuantes, participantes dos processos democráticos da sociedade.

Segundo Sampaio, Cavalcante & Alcântara (2006):

O rádio assume, pois, um espaço de mediação entre comunidades, autoridades, crianças e adolescentes, numa articulação social ampla pela garantia de direitos. É por meio dessa conversa, entre os vários atores sociais, que se vai tornando mais concreto o conceito de cidadania aqui entendido como “qualidade social de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. (Demo apud Sampaio, Cavalcante & Alcântara, 2006, p. 60).

E dessa forma, esse veículo de comunicação assume papel importantíssimo no desenvolvimento da cidadania, proporcionando momentos

de interação e discussão entre os envolvidos e trazendo para dentro das emissoras assuntos polêmicos que poderão ser mediados ou até mesmo solucionados através da veiculação no rádio.

Esse espaço torna-se fundamental para a socialização das pessoas e traz a possibilidade de mediação entre as comunidades que acabam se conhecendo e reconhecendo através dos programas veiculados. Segundo os mesmos autores são visíveis as mudanças na qualidade de vida das comunidades envolvidas, eles aprendem a conversar e debater sem brigas; procurando no trabalho em equipe a oportunidade de melhorias na busca por seus direitos.

Outra proposta que pode ser destacada é o projeto de educomunicação como política pública, desenvolvido pelo município de São Paulo. “Tudo começou quando o rádio foi levado a 455 escolas do Ensino Fundamental através do Projeto Educom.rádio (Educomunicação pelas ondas do rádio), entre 2001 e 2004” (SOARES, 2010, p.115). Esse projeto foi organizado a fim de reduzir a violência nas escolas de São Paulo, sendo que os participantes do projeto eram professores, alunos e membros não docentes da escola, organizados em pólos de atuação.

O curso unia o conceito da linguagem radiofônica com os temas transversais, trabalhando em conjunto com a comunidade escolar.

O Educom.rádio não escondia que visava intervir na vida escolar, na didática dos professores, no tratamento dos conteúdos e na gestão das relações entre os “pólos vivos” da vida escolar, reforçando a importância da produção colaborativa (professores/alunos/comunidade). (SOARES, 2010, p.123)

O Educom.rádio trabalhou com a formação de seus integrantes, entre 2001 e 2004, propondo sempre a participação das crianças no mundo midiático. Foram 12 encontros de oito horas cada um, realizados aos sábados, com o objetivo de “elaborar um plano de ação para introduzir a Educomunicação em seus espaços educativos” (p.125)

Passados alguns anos, depois da finalização do processo formativo, a Prefeitura de São Paulo ainda mantém um programa intitulado “Nas ondas do rádio”, que acompanha o desempenho dos professores e alunos do Educom.rádio em coberturas jornalísticas e eventos nacionais e internacionais.

Esse é mais um exemplo de propostas de trabalho, planejadas, organizadas com o objetivo de buscar melhorias para a educação atual, através dos veículos de comunicação.

Além disso, não podemos esquecer outras propostas atuais de trabalhos com o rádio, como as rádios comunitárias e as rádios na WEB.

4.2 Rádios comunitárias: formas de se fazer uma comunicação mais pública e democrática

Nos dias atuais, não podemos deixar de destacar a consolidação das rádios comunitárias como um veículo que utiliza conteúdos da educação. Pode-se dizer que as rádios comunitárias brasileiras, tal qual como concebida hoje, surgiram a partir do acúmulo das experiências do uso do rádio como instrumento comunitário e basicamente democrático, com movimentos populares e com rádios livres.

Peruzzo destaca que:

rádios comunitárias são aquelas que possuem um caráter público, ou seja, são sem fins lucrativos e comprometidos com a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento da cidadania por meio do envolvimento direto dos cidadãos. (PERUZZO, 2010, p.85)

Porém, tais emissoras, em sua maioria funcionavam sem respaldo legal. Depois de muita discussão em torno do tema, em fevereiro de 1998 o Congresso regulamentou e instituiu o Serviço de Radiodifusão Comunitária em nosso país.

Em 1998 foi promulgada uma lei de radiodifusão de baixa potência na tentativa de atender à demanda social pelo acesso às ondas. A

tentativa de se legalizar provocou a entrada de cerca de 20 mil processos de rádios comunitárias nas salas do Ministério das Comunicações ao longo de mais ou menos uma década. [...] se valem da Lei 9,612/98 para operar. (PERUZZO, 2010, p.85)

Desde 1983, existe a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC), que presta serviços ao movimento de rádios comunitárias. “Seu trabalho consiste em promover, facilitar e coordenar a cooperação e o intercâmbio entre emissoras de todo o mundo” (COGO, 1998, p. 91). No Brasil existe a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO), organização que surgiu há 10 anos com a finalidade de tentar unificar as reivindicações das rádios comunitárias de todo país.

As rádios, por serem comunitárias entram nas casas com uma grande vantagem, que é o reconhecimento dos problemas de onde está inserida, podendo auxiliar a comunidade no que diz respeito a serviços de utilidade pública como: encontrar crianças desaparecidas e documentos perdidos, distribuição de cestas básicas e ajuda na procura por empregos.

Toda a comunidade divide a mesma realidade, problemas e expectativas de vida. O rádio, como um envolvente veículo de comunicação se torna peça importante nesse processo. Seguindo o pensamento de McLuhan, “[...] o rádio afeta as pessoas, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular” (p.20).

COGO ainda acrescenta que “uma rádio que se pretende comunitária deve acima de tudo, estar preocupada em orientar e educar ouvintes”. (1998, p. 93). Em uma rádio comercial, todo esse trabalho e o tempo disposto para tal tarefa não seria possível.

Podemos citar vários exemplos de rádios comunitárias, entre eles o trabalho realizado na Rádio Brisa, “uma rádio comunitária muito ouvida na Rocinha e que reproduz em sua programação, o cotidiano dos moradores” (SILVA, 2007, p.15). Conhecida como “rádio de caixinhas”, a Brisa foi criada há dez anos por Elias Lira e dois de seus 11 irmãos. São 120 caixas de som que transmitem músicas e comerciais de diversos estabelecimentos da área.

As tais caixinhas são estrategicamente instaladas por toda a favela, da parte baixa até a mais alta. Elas são colocadas em pontos estratégicos, como: pontos de ônibus, áreas de camelôs e perto de estabelecimentos comerciais.

“A rádio tem um programa profissional de gerenciamento da programação chamado Raduga” (Silva, 2007, p. 18), utilizado por algumas rádios comerciais, que inserem as vinhetas, comerciais e as músicas na seqüência montada pelo locutor. As músicas são baixadas livremente pela Internet ou copiadas de cds dos locutores que cadastram em pastas. Nenhum direito autoral é pago na rádio.

A Brisa abre suas portas e presta serviços para os moradores, como divulgação de crianças e animais perdidos, documentos, denuncia brigas familiares, abre espaço para mensagens, cobrando para anunciantes da região. A rádio é vista como uma rádio que faz parte do dia -a-dia da Rocinha. Eventos e promoções são articulados com muita freqüência na favela Para que a rádio exista, é necessário que as pessoas se identifiquem, ouvindo e participando da programação.

Tudo aquilo que a rádio representa para a comunidade, está inserido na programação, na fala das pessoas, na proposta solidária. Este poder está representado em todos os momentos de uma rádio comunitária: no espaço físico, na posição daquele que ajuda, no discurso do locutor, nas normas de funcionamento, no que deve ir ou não ao ar, enfim em todo o funcionamento da rádio. Em uma rádio comunitária, a proposta é fazer uma programação que ajude a comunidade, utilizando a linguagem adequada à realidade das pessoas, para se tornar mais próxima e verdadeira.

Silva destaca que percebeu, durante sua pesquisa que as rádios comunitárias podem ser classificadas em dois tipos:

O modelo defendido por Ongs é aquele que tem um conselho formado por moradores que compartilham todas as decisões, incluindo a criação de programas e eventos. Esse modelo não tem dono nem fins lucrativos, vive de doações de moradores e apoios de empresas locais. O segundo modelo, poderia ser classificado como “mais comercial”. Esse formato teria uma preocupação maior com os anunciantes e com questões financeiras e políticas. A rádio é usada

como instrumento de captação de votos, dinheiro ou lobby na comunidade. (SILVA, 2007, p. 29-30)

A rádio Brisa, então, se enquadra no segundo formato, já que possui um proprietário, que tira o sustento desse trabalho, dependendo do dinheiro dos anunciantes para sobreviver, abre espaço para políticos (fazendo melhorias com a verba doada por eles), acata determinadas decisões do tráfico, mas ainda assim tem a preocupação em ajudar a comunidade e a percepção de que cumpre o seu papel social na favela.

Do outro lado, temos o exemplo da Rádio Quilombo, do Bairro Restinga de Porto Alegre. A rádio inaugurou seu estúdio de transmissão em março de 2007, e é organizada pelo grupo chamado Resistência Popular. Este grupo utiliza este espaço para desenvolver trabalhos em “3 grandes temas: educação popular, comunicação comunitária e produção de áudio e vídeo” (DANIEL, 2008, p.60).

A rádio recebe recursos do Ministério da Cultura, através do programa “Ponto da Cultura”, que trabalha para impulsionar as ações que já são desenvolvidas pelas comunidades. Através desse projeto a Rádio Quilombo recebe recursos para aquisição de equipamentos e aplicação nas atividades desenvolvidas. Outros recursos são oriundos de eventos realizados pelos comitês da comunidade.

A rádio oferece oficinas de edição de áudio, e entre seus programas está a transmissão de assuntos sobre cultura, qualidade de vida, discussão sobre movimentos sociais, juventude e um programa específico para as mulheres, chamado “Conversas de Maria”.

Diferente da Rádio Brisa, na Rádio Quilombo, todos os programas são produzidos com a participação da comunidade, principalmente do público mais jovem, que ao participar, deixa de estar nas ruas, evitando o uso de drogas.

Daniel destaca que

a formação de rádios comunitárias voltadas para uma comunicação crítica no interior de bairros populares, pode se tornar

processo alternativo de formação de opinião, por meio da canalização dos fluxos comunicativos cotidianos para a esfera pública. (DANIEL, 2008, p. 67)

Dessa forma, há uma significação dos conteúdos veiculados, tornando-se um espaço importante para todos da comunidade, construindo coletivamente momentos de significação e assimilação de conhecimentos, desenvolvendo sua cidadania. Cada morador/participante tem a oportunidade de mostrar suas aptidões e participar do processo de organização dos programas, tornando-se um sujeito ativo em sua comunidade, e um verdadeiro cidadão, que exerce seu direito de participação e luta pelos seus ideais de sociedade.

4.3 Radioweb: novos caminhos e espaços para se fazer rádio

Recentemente, o namoro entre o Rádio e a Educação tem ocorrido, tanto na programação das emissoras, quanto em âmbito escolar com a implementação de projetos que, além de promover a escuta e análise de programas radiofônicos, estimulam a criação de rádios virtuais ou “emissoras” com transmissões em circuito fechado dentro das escolas. A programação de cunho pedagógico e cultural é geralmente produzida em conjunto por integrantes da comunidade escolar.

Além disso, o rádio sofreu muitas modificações ao longo dos anos, mediante o desenvolvimento da informática e da cibercultura. O processo de renovação e digitalização sofrido pelas emissoras convencionais e a disponibilidade de seus conteúdos na Internet, contribuíram para o surgimento de um novo meio que se caracteriza através da junção entre a radiodifusão e a internet, surgindo o novo meio Web Rádio. As rádios web vieram para fazer parte da vida cotidiana, crescendo e acompanhando as novas tecnologias.

Podemos definir a rádio web como “a transmissão radiofônica na internet com tecnologia *streaming*” (TEIXEIRA, PAEZ & TEIXEIRA, 2010, p. 183). Neste contexto, existem muitas formas de trabalho, e as experiências feitas recentemente combinam aulas, debates e cursos de formação on-line

nas diversas áreas do conhecimento. A utilização da internet tornou-se natural para todos os veículos de comunicação e com o rádio não poderia ser diferente.

Teixeira, Paez & Teixeira, trazem uma experiência com rádio na Web, feita pela FACED/UFBA. A universidade, com o apoio do Ministério da Cultura, realiza pesquisas sobre softwares livres. Dentro do programa de trabalho, foi proposta uma formação de professores, sendo que parte dessa formação, resolveram implantar uma rádio web, intitulada “Rádio Web Ciberparque”, onde a coordenação era feita por esses profissionais em formação, e aberta a toda comunidade.

Para a realização desse projeto, foi investigada a implantação de softwares livres para a socialização das produções, pois geralmente, as empresas proprietárias de hardware e software cobram por essa tecnologia, dificultando

iniciativas institucionais públicas e comunitárias, especialmente para aquelas que visam fortalecer as escolas públicas, dotando-as da capacidade de se tornarem centros de produção de rádio como forma de propiciar aos estudantes a oportunidade de experimentar, vivenciar, valorizar, produzir e divulgar a cultura local para o mundo pela internet. (PRETTO, etc al, 2010, p. 164)

Várias ações foram realizadas através do projeto e muitas conquistas foram movimentadas, até mesmo a criação de uma cooperativa de jovens envolvidos com software livre na região de Irecê.

Agora já existem possibilidades de trabalho com rádios na web e softwares livres, que permitem à escola e seus alunos, divulgar os trabalhos realizados, aproveitando-se da rede para tanto.

O professor, diante dessa tecnologia também é desafiado a mudanças em sua maneira de ensinar. Mesmo estando habituado aos recursos tradicionais (livro didático, quadro negro), ele precisa compreender que os mesmos não bastam, pois cada vez mais cedo as crianças vêm aprendendo a dominar a tecnologia, desenvolvendo aprendizagens importantes para o dia a

dia. Como vemos, até para acessar o banco, o caixa eletrônico, é preciso dominar um mínimo de tecnologia. A escola precisa estar sensível a essas necessidades e a essas aprendizagens que os alunos já trazem antes dela. Aceitar essa realidade e aprender com ela é tarefa de todos na Educação. Rubem Alves, ao referir-se aos educadores diz o seguinte:

Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja nem necessário e nem possível...É necessário acordá-lo. (...) basta que o chamemos do seu sono por um ato de amor e de coragem. E, talvez acordado, ele repetirá o milagre da instauração de novos mundos. (Rubem Alves, 1982, p.28)

O trabalho coletivo (escola/comunidade) na busca de melhorias para a comunidade onde às famílias residem, certamente trará resultados positivos, pois a valorização da cultura, das pessoas, o incentivo e a oportunidade de participação de todos, através de atividades proporcionadas dentro do ambiente escolar serão essenciais para o desenvolvimento do senso de responsabilidade que todos devem ter pelo lugar onde vivem/moram.

Ferres (1996) referencia o escritor canadense McLuhan (1987) e coloca que o mesmo considera que “as sociedades têm sido mais modeladas pelo tipo de meios com os quais os cidadãos se comunicam que pelo conteúdo da comunicação”, e ainda argumenta que os meios modificam o ambiente e a partir daí suscitam novas percepções sensoriais.

Este é um novo mundo, no qual o trabalho físico é feito pelas máquinas mais pesadas e o mental, pelos computadores. Ao homem, cabe a tarefa insubstituível de ser criativo e ter idéias. Desta forma podemos observar que através do uso da web rádio escolar surgirão possibilidades de acelerar o processo de aprendizagem criativa, dando novas significações ao trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA DO RÁDIO AO LONGO DO TEMPO

Pensar em contribuições pedagógicas dadas pelo rádio através dos tempos de sua existência é falar de uma linda história que se iniciou em 1922, no Brasil e resiste firmemente até os dias atuais. Mas como pensar nesta evolução, se não revisitar todas as contribuições trazidas ao longo do tempo.

Ao analisar a força do rádio ao longo da história, é possível entender porque se briga tanto por um espaço neste canal. O rádio sempre teve um grande alcance na vida das pessoas. No Brasil, a primeira emissora iniciou suas atividades em 1923. Vale ressaltar que a televisão iniciou suas atividades na década de 50, portanto o rádio era o principal veículo de comunicação da época. A Rádio Nacional inaugurada em 1936 foi o grande marco na história da comunicação brasileira.

Segundo Pretto & Tosta (2010):

A rádio, como nunca antes, é muito mais que somente rádio. Muito mais que apenas um canal e uma linguagem sonoras, muito mais que unicamente uma dimensão auditiva para a transmissão de sons e informações. É também um estímulo múltiplo que, embora se inicie com a escuta, deve mudar para outras dimensões sensoriais em que intervenham mais sentidos. (PRETTO & TOSTA, 2010, p.11)

Sentidos esses, que se destacam diante das diversas possibilidades apresentadas para o trabalho com o rádio no espaço escolar. A partir deste

trabalho, podemos notar a evolução despendida durante os anos, através do trabalho realizado desde o início com o rádio, em seu sentido educativo.

Acredito que, para construir uma educação realmente significativa, já não é suficiente dominar a linguagem oral e escrita, mas também é necessário construir novos conhecimentos nas linguagens tecnológicas, dentre as quais se encontra a do rádio. É preciso capacitar-se, na busca de novas informações, para não sermos simples consumidores de informações, mas sim pessoas críticas, que sabem valorizar as novas possibilidades de construção do conhecimento, visando a seleção e contextualização dos saberes produzidos, dando-lhes sentido e transformando-os dentro de nossa realidade.

As novas tecnologias da comunicação e da informação podem dar um novo sentido à educação, auxiliando nas atividades dos professores e estimulando o desenvolvimento de competências, habilidades e capacidades. Porém, se não forem bem apreendidas, podem funcionar também como uma fonte de frustração na atual estrutura organizacional da educação.

Sendo assim, “a escola deve incluir como conteúdo da educação obrigatória alguns aspectos que se refiram ao conhecimento e ao uso das novas tecnologias da informação”, bem como “a capacitação de toda equipe docente, inclusive os gestores de escola” (LITWIN, 1997, p. 84). Antes de qualquer investimento de tecnologias na educação, deve-se ter a preocupação com a formação do professor diante dessa nova forma de ensino. Essa formação precisa interferir na resistência dos professores em utilizar tecnologia.

Exemplos de que esse trabalho faz sentido e é possível, podemos constatar no programa Educom.rádio do município de São Paulo, ou mesmo no projeto desenvolvido pelo UNICEF - município de Aprovado, os quais foram mencionados neste trabalho.

A escola, portanto, já não pode deixar de lado a complexidade que transcorre na formação dos indivíduos. A primeira etapa é discutir novas aproximações da educação e da comunicação. Essa discussão deverá ser feita partindo da introdução do rádio, nas várias atividades propostas na escola, buscando atingir a diversidade de alunos que temos nas instituições de ensino.

Diante desta tarefa, optar pelo rádio, meio de comunicação simples e de fácil acesso, poderá ser um caminho, pois esta ferramenta no processo de ensino-aprendizagem poderá ser capaz de propiciar experiências estimulantes no meio educacional, nas atividades pedagógicas. Dessa forma, as contribuições serão importantes para transformação do tradicional ambiente escolar, contribuindo para a formação de cidadãos mais autônomos e participativos.

No processo educativo, o rádio, durante toda a sua existência, contribuiu com expressivas e importantes realizações, marcando o compromisso com a cultura e construção da cidadania. Quando utilizado para fins educativos, como é o caso deste estudo, mostra que pode ser eficiente e democrático.

Dessa forma, penso que a utilização do rádio como um recurso a mais, precisa ser melhor planejado e incentivado dentro do ambiente escolar, sendo que este trabalho possibilite aos nossos alunos uma nova visão deste meio de comunicação, motivando-os a criar sua rádio na escola, organizando programas, selecionando músicas e reportagens a serem divulgadas, enfim, tornando-se seres capazes, críticos, desafiadores e questionadores, na busca por melhorias na educação e em suas vidas.

O rádio no espaço escolar permite à comunidade analisar as informações que recebe diariamente, já que agora terá contato real com este meio de comunicação, permitindo que se tornem agentes e produtores culturais, desenvolvendo auto-estima e auto-valorização dos membros da comunidade.

O trabalho com as rádios escolares nos dias atuais, deixa à disposição dos agentes formadores, mais um recurso que possibilita o exercício das habilidades e potencialidades de comunicação de toda a comunidade escolar, possibilitando a liberação da imaginação e encontrando novas maneiras de construção de trabalhos escolares. Além disso, traz a valorização da oralidade e criatividade dentro das programações.

Dentro da escola, pode-se, a partir do rádio, desenvolver projetos que visem a integração das mídias, em especial, utilizando-se o computador, tanto

na construção das produções quanto na divulgação dos programas radiofônicos.

Enfim, diante de tantas possibilidades, os alunos podem começar uma conversa diferenciada com o mundo que os cercam, criando vínculos e produzindo além das atividades e dos muros de sua escola.

Estamos em frente a mais uma busca de democratização do acesso ao ensino proporcionada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, principalmente quando junto a uma mídia que surge soberana, como é o caso da internet. Essa relação pode auxiliar na produção de conteúdos que busquem de melhor maneira conjugar a relação rádio, internet e educação, promovendo o exercício crítico e uma melhor “leitura” do meio social no qual os indivíduos estão inseridos.

O potencial educativo contido nesta mídia é de grande significância, pois trata-se de um instrumento que propicia a democracia, que pode proporcionar a formação crítica do sujeito. Em linhas gerais podemos concluir que o desafio da educação é o de se adaptar às diferentes capacidades e formas de aprendizagem, e a comunicação como um instrumento pedagógico propõe uma alternativa de ensino-aprendizagem para aqueles que necessitam de um olhar mais dinâmico e especial na sua forma de aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ALVES, Rubem. *Sobre Jequitibás e Eucaliptos*. In: *Conversas com Quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: editora Ars Poética . 108p.

ASPINALL, Richard. *Guide Pratique de la Production Radiofonique*. UNESCO, Paris: 1970.

BAUM, Ana (org.). *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CARVALHO, Edler R. *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação: 2005.

CESAR, Cyro. *Rádio: a mídia da emoção*. São Paulo: Summus, 2005.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação*. A linguagem em movimento. São Paulo: Editora SENAC, (2000).

COGO, Denise Maria. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CORSANI, Marciel. *Como usar o rádio na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007. (Coleção como usar na sala de aula), 192 páginas.

DANIEL, Maira Graciela. *Dilemas da Construção do Espaço Público e seus vínculos com os fluxos comunicativos primários: a experiência da rádio comunitária do Bairro Restinga*. Programa de pós-graduação em Sociologia – PPGS. UFRGS, 2008.

FAGUNDES, Lea et al. *Aprendizes do Futuro: as inovações começaram! Coleção Informática para a Mudança na Educação*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação a Distância. Programa Nacional de Informática na Educação, 1999.

FERRÉZ, Joan. *Televisão e Educação*. Trad. Beatriz Affonso Neves- Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FIORENTINI, Leda Maria R., *Materiais escritos nos processos formativos à distância*. In: ALMEIDA Maria Elizabeth Bianconcini de & MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

FREDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação: rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

GADOTTI, Moacir. *A boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Curitiba: Pr: Nova didática, 2003.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 2ª edição.

KENSKI, Vani. *As tecnologias invadem nosso cotidiano*. In: ALMEIDA Maria Elizabeth Bianconcini de & MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

LEVACOV, Marília. *Bibliotecas virtuais: (r)evolução?*. *Ci. Inf.*, Maio 1997, vol.26, no.2. ISSN 0100-1965

LITWIN, Edith. *Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARSHALL, McLuhan. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARTINS, Fábio. In: PRETTO, Nelson De Luca & TOSTA Sandra Pereira (organizadores). *Do MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. *Informação e Magia - A nova era do rádio*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al230520016.htm>. Visitado em 23/11/10.

_____. *O Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Editora Minerva, Coimbra, 1999.

MELO, Simone Ribeiro; OLIVEIRA, Valdir de Castro, e outros. *Literatura nas ondas das rádios comunitárias*. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. BH, setembro 2004.

MENEGUEL, Yvonete Pedra & OLIVEIRA, Oseias de. *O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava*. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf. Visitado em 24/11/10.

MORAES, M. C. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas, Papirus, 1997.

MORAN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

_____. *Tecnologias de comunicação e interação*. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, 1995. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm. Visitado em: 13/10/10.

MORAN, José Manuel et al. *Novas Tecnologias e Mediação pedagógica*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

PEROSA, Lilian Maria F. de Lima. *A hora do clique: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República*. São Paulo: Annablume: ECA – USP, 1995.

PERRENOUD, P. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Rádios livres e comunitárias, legislação e educomunicação. In: PRETTO, Nelson De Luca & TOSTA Sandra Pereira (organizadores). *Do MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

PRADO, M.E.B.B. *Pedagogia de Projetos: Fundamentos e Implicações*. Boletim do Salto para o Futuro. Série Pedagogia de projetos e integração de mídias, TV-ESCOLA-SEED-MEC, 2003. Disponível no site: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>.

PIMENTEL, Fábio P.. *O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica*. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 1999

PRETTO, Nelson De Luca. *Uma escola sem/com futuro: Educação e multimídia*. Campinas: Papyrus, 1996.

PRETTO, Nelson De Luca & TOSTA Sandra Pereira (organizadores). *Do MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

PRETTO, Nelson De Luca et al. *Soluções em software livre para rádio web*. In: *Do MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

ROMANATTO, M. C. *O Livro Didático: alcances e limites*. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 1997. Disponível em: <http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesasredondas>. Visitado em 09/12/10.

SAMPAIO, Inês S, Vitorino, CAVALCANTE, Andréia P. Paiva, ALCÂNTARA, Alessandra Carlos (orgs.). *Mídia de chocolate: estudos sobre a relação infância, adolescência e comunicação*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. *Rádio: oralidade mediatizada. O espot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVA, Liliana Maria Pierezan Moraes da. *Articulando educação e tecnologias: uma experiência coletiva*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003.

SILVA, Marco. *Internet na escola e inclusão*. In: ALMEIDA Maria Elizabeth Bianconcini de & MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

SILVA, Renata Nogueira da. *Rádio Brisa: Ecos e sons da favela da Rocinha*. Curso de Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação e Cidadania: A construção de um campo a partir da prática social*. XXV Congresso Intercom- Salvador Bahia, 2002.

_____. *Rádio como política pública*. In: PRETTO, Nelson De Luca & TOSTA Sandra Pereira (organizadores). Do *MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça, PÁEZ, Juan José Perona & TEIXEIRA, Mariana G. Daher. *A rádio web universitária como modalidade educativa audiovisual em contexto digital*. In: PRETTO, Nelson De Luca & TOSTA Sandra Pereira (organizadores). Do *MEB à WEB: o rádio na Educação*. Autêntica Editora, Belo Horizonte: 2010. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

THIER, Roberta Roos. *Rádio-Educação: uma alternativa pedagógica*. Disponível em: <http://www.forummundialeducacao.org>. Visitado em: 15/11/2010.

TORNAGHI, Alberto. *Computadores, Internet e educação a distância*. In: ALMEIDA Maria Elizabeth Bianconcini de & MORAN José Manuel (orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.